

COIMBRA BUENO E CIA. LTDA.: NEBULOSAS DE UM ACERVO EM CONSTRUÇÃO¹



CAROLINA PESCATORI

*Professora no Departamento de Projetos,
expressão e representação em Arquitetura
e Urbanismo da Universidade de Brasília*

RICARDO TREVISAN

*Professor no Departamento de Teoria e
História da Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo da Universidade de Brasília*

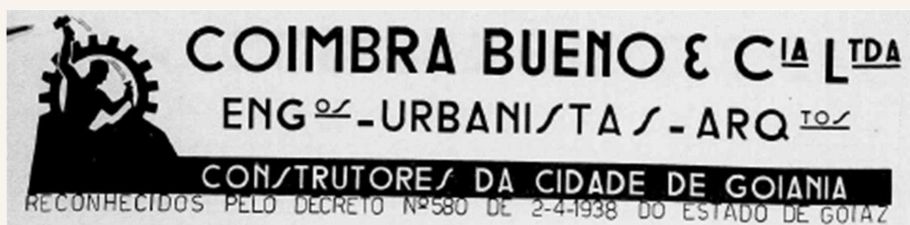
INTRODUÇÃO

Pensar por nebulosas, é assim, um convite a uma ideia instável e dialógica de saber que, mesmo quando feita de configurações, conceitos, categorias e noções, entende-as como esforços de uma teorização mais ou menos precisa, mas jamais neutra, e cuja estabilidade e consenso são momentâneos. Esse saber – como nuvens –, antes de tudo, é movediço, formado por inúmeras camadas diáfanas e vaporosas de outros saberes, inclusive os rechaçados ou não considerados como tal. [...] Esse saber assume o seu caráter metafórico e paradoxal: pensar a partir do que justamente é e permanece pouco claro, que menos esclarece do que tenta fazê-lo. Ele é, assim, um desvio, um corte, uma disjunção em relação tanto a uma visão setorial, positiva e progressiva de ciência, quanto à negatividade atribuída ao que permanece como um índice misterioso e obscuro nas atividades de pesquisa, mas nem por isso é destituído de presença e de contornos que são confrontados não à prova, mas à argumentação e ao esforço de confrontação e compartilhamento (Pereira, 2018, p. 249-250).

“Coimbra Bueno e Cia. Ltda.: nebulosas de um acervo em construção” traz à baila as primeiras descobertas sobre um acervo há muito afastado do conhecimento público. Poder varrer com os olhos os documentos, fotos, mapas, planos, registros - todos empoeirados pelo passar dos anos -, dissipa aquilo obliterado e desconhecido da maioria. Esse processo revelou informações, dados, conexões, possibilidades provenientes de uma incorporadora que não se ateuve apenas à construção de Goiânia, nos anos 1930. Em mais de sessenta anos de atuação, seu espólio é plural e diverso, da posse de fazendas às empreitadas industriais, da produção de habitação de interesse social à qualificação de uma “civilização sertaneja”, de planos para inúmeras cidades brasileiras à criação da Fundação Coimbra Bueno pela Nova Capital do Brasil. Ao embrenhar-nos num percurso inédito da historiografia brasileira, sabemos das dificuldades apresentadas num primeiro instante. Mesmo que “pensar por nebulosas” seja pautado por incertezas e bases movediças, ele favorece a experiência de criar os limites preliminares, de definir parâmetros de análise, de reescrever a História a partir de novos olhares. Portanto, explorar o incógnito a fim de gerar novos contornos sobre a história urbana do século XX, a partir de personagens secundarizados pela historiografia, é o propósito deste artigo.



Figuras 1 e 2. Irmãos Jeronymo e Abelardo Coimbra Bueno. Figura 3. Logo da Coimbra Bueno e Cia. Ltda. - a construtora de Goiânia. Fonte: Acervo Coimbra Bueno / FAU-UnB.



A dupla de irmãos engenheiros Jeronymo Coimbra Bueno (1909-1996, Figura 1) e Abelardo Coimbra Bueno (1911-2003, Figura 2) formou a incorporadora Coimbra Bueno e Cia. Ltda. (Figura 3) logo após a diplomação de ambos na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, em 1933. Sobrinhos do interventor Pedro Ludovico Teixeira (1891-1979) – responsável pela mudança da capital de Goiás –, viram em Goiânia a oportunidade de decolarem profissionalmente. Mais empreiteiros que projetistas, assumiram em 1934 a direção-geral das obras de Goiânia (Diniz, 2007), ficando a companhia responsável pela edificação dos Correios, do Palácio do Estado, do Grande Hotel, da Secretaria-Geral e de mais dez casas funcionais. No mesmo ano, o projeto da nova capital passa para os cuidados da Coimbra Bueno, com os irmãos encarregados tanto da construção do núcleo urbano original como também de novos bairros externos a ele. Descontente com os propósitos especulativos e por divergências pessoais, o autor do projeto urbanístico Attilio Corrêa Lima (1901-1943) retira-se do processo em 1935, abrindo espaço para o engenheiro Armando Augusto de Godoy (1876-1944) – indicação direta de Jeronymo Coimbra Bueno – para revisão e continuidade do projeto.

É sabido que Goiânia, nova capital de Goiás, foi o empreendimento de maior reconhecimento público na história desta companhia. No entanto, a atuação desta incorporadora foi mais ampla e diversificada, indo muito além de Goiânia. Administrada pelos irmãos engenheiros, após a empreitada na capital goiana, a empresa participou, segundo poucas informações disponibilizadas pela literatura especializada, da execução de planos e projetos para outros assentamentos urbanos nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás, Paraná, Bahia e Mato Grosso, identificando oportunidades, adquirindo terrenos e viabilizando projetos de expansão urbana por novos loteamentos e de novas cidades, em direta associação com políticas de Estado (federal e estadual).

165

Os projetos desenvolvidos no escritório da Coimbra Bueno no Rio de Janeiro receberam contribuições de vários profissionais, incluindo estrangeiros ilustres à época, como o arquiteto francês Donat Alfred Agache (1875-1959) e o arquiteto greco-francês Georges Candilis (1913-1995). Com eles, a companhia participou do planejamento urbano de Campos dos Goytacazes (RJ), São João da Barra (RJ), Curitiba (PR) e do planejamento regional costeiro entre Santos e Rio de Janeiro, onde, segundo Abelardo, tinham total autonomia para condução dos planos e projetos.

Além da construção de Goiânia e do planejamento e execução de outros planos urbanos, consta em suas biografias grandes ações de incentivo à transferência da capital federal para o interior do país, sendo eles os maiores propagandistas de tal “sonho” nas décadas de 1940 e 1950 (Manso, 2001). Em 1939, criaram a “Fundação Coimbra Bueno Pela Nova Capital do Brasil”, por meio da qual desenvolveram diversas atividades políticas e de propaganda em prol da transferência. Contudo,

estas informações foram extraídas de fontes secundárias, sem maiores aprofundamentos ou detalhamento da veracidade dos dados. O quebra-cabeça da Coimbra Bueno demandava um número maior de peças para conformarmos melhor a figura a ser composta. E este cenário começa a ser alterado com a aquisição do acervo particular em 2020 pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU-UnB).

A doação dos arquivos da empresa Coimbra Bueno, particularmente aqueles pertencentes ao irmão Abelardo Coimbra Bueno e disponibilizados pela viúva Maria Marcina Pimentel Coimbra Bueno e pelo filho Abelardo Coimbra Bueno Júnior, ocorreu em julho de 2020, em plena Pandemia de COVID-19. Por este motivo, ficaram armazenados até que fossem acessados com a segurança sanitária necessária. Em paralelo, deu-se início à formulação de um projeto de pesquisa: “Acervo Coimbra Bueno e Brasília: documentação e promoção”, contemplado com apoio financeiro da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF) em dezembro de 2021. O projeto, em andamento, volta-se à organização do material recebido, sua triagem, catalogação e possível desenvolvimento de um acervo virtual público e edição de livro de registro documental. Além disso, o projeto em seu desenvolvimento corrobora para a formação de professores, pesquisadores e estudantes no manejo, organização e desenvolvimento de abordagens científicas de material documental proveniente de acervos particulares.

166

Nos primeiros seis meses de trabalho (fevereiro a agosto de 2022), o material obtido já demonstra seu grande potencial para alimentar a construção de outras narrativas históricas que envolvam a Coimbra Bueno a partir da elaboração de pesquisas de graduação e pós-graduação embasadas nos valiosos documentos. Dentre as possibilidades detectamos alguns temas já bem conhecidos, como a construção de Goiânia, mas que pode receber novas abordagens e possibilidades interpretativas; e outros menos conhecidos, como: a sua atuação urbanística e imobiliária em diversas outras cidades brasileiras; a formação da Fundação Coimbra Bueno pela Nova Capital do Brasil; sua atuação no setor agropecuário, com a gestão de diversas fazendas nos estados de Goiás, Bahia e Rio de Janeiro; a diversidade de negócios desenvolvidos pela empresa; o funcionamento do escritório e as redes profissionais e políticas onde a Coimbra Bueno atuou, identificando outros empreendedores e profissionais ligados à empresa.

Nesse sentido, este artigo tem como objetivo narrar os trabalhos realizados até o momento no acervo, apresentando um mapeamento temático preliminar e questões relacionadas à atuação da Coimbra Bueno e Cia. Ltda. Estruturalmente, o trabalho se ancora nas seguintes balizas: “Instrumentalização”, com aporte teórico para manuseio do material histórico; “Aproximação”, com narrativa sobre a ação operacional do acervo; e “Nebulosas: achados e promessas”, com os temas identificados e definidos até o presente momento. Finaliza-se o artigo com considerações acerca dos percursos futuros a serem trilhados pela pesquisa.

INSTRUMENTALIZAÇÃO

Compreender a cidade pela história, sob o ponto de vista urbanístico, permite-nos entender sua configuração atual, criticá-la e projetar seu desenvolvimento. A pesquisa histórica não se restringe apenas em entender o processo de desenvolvimento de uma cidade, como pode também trazer, à tona, exemplos urbanísticos e arquitetônicos que nos auxiliem no planejamento das mesmas. A narrativa histórica deve ser compartilhada e acrescida de instrumentos de outras ciências, como a geografia, a sociologia e a economia, para permitir um entendimento mais preciso da pluralidade de elementos presentes no perímetro urbano. A interdisciplinaridade (Escola dos *Annales*), a partir de uma “confrontação cruzada das interações das ciências humanas” consiste em uma das possibilidades e maneiras de se refletir e estudar a cidade.

Bernard Lepetit (2001) utilizou-se dessa interdisciplinaridade como método de investigação urbana, destacando o método sociológico como o mais importante para se compreender a história de uma cidade. Nestor Goulart Reis Filho (s/d; s/p) compartilha da mesma posição ao afirmar que “qualquer elemento espacial é dotado de significação social e a vida social, no meio urbano, não tem a possibilidade de se organizar sem uma estrutura espacial que a limita e por ela mesma é engendrada e transformada em resposta às suas características”. Assim como há uma relação entre o espaço e a estrutura social, ou entre o espaço e qualquer outra estrutura urbana (econômica, política, cultural etc.), outros tipos de relações vão existir. Dentre estas, situa-se a relação hierárquica e cambial interligando as estruturas de uma escala urbana às estruturas de uma escala regional ou global. Com ela, é possível ao historiador buscar respostas para suas dúvidas, indo além dos limites da cidade que estuda, e ao planejador adequar seu plano a uma escala regional ou global, por exemplo.

Uma abordagem em história se constrói também por meio de narrativas, que funcionam dentro da ideia de trama – entrelaçamento de eventos e relações contextuais e/ou particulares, cujas “evidências” são colhidas dos vestígios escondidos nos documentos históricos. Essencialmente, a pesquisa em acervos históricos, na busca por documentos, é a principal forma de construir a trama, que dependerá, ainda, da capacidade do pesquisador de criar costuras e relações, na tentativa sempre incompleta, sempre circunstancial da tessitura historiográfica. Desta forma, a pesquisa histórica se organiza a partir dos documentos, sua localização e identificação, a avaliação do material coletado frente ao arcabouço teórico e histórico conjuntural, e, enfim, a escrita da narrativa histórica *per se* (Groat; Wang, 2002). Estas etapas, ainda que não perfeitamente subsequentes e sim sobrepostas, compõem uma prática metodológica da pesquisa em história.

Os documentos históricos incluem: os planos governamentais federais, estaduais e municipais que se articulem com o fenômeno estudado; fotos históri-

cas em acervos; reportagens de jornais locais e nacionais; documentos governamentais relacionados (atas, decretos, leis, memorandos); mapeamentos por imagem de satélite e outros que permitam, em uma escala temporal, reconhecer formas de ocupação vigentes em determinados períodos, suas configurações e transformações; documentos das/sobre as empresas identificadas (atas, contratos, fotos, acordos, plantas, mapas, correspondências, etc.); documentos sobre/dos urbanistas envolvidos nos projetos, implantações e negociações para a construção de cidades e/ou bairros. Portanto, o acervo Coimbra Bueno consiste em um verdadeiro campo a ser explorado.

Paralelamente a um olhar histórico e teórico, esta pesquisa propõe uma abordagem pragmática de triagem, catalogação, organização e arquivamento de documentos presentes em um acervo (Bacellar, 2008; Pinsky, 2008). Com auxílio de pesquisador(es) e técnico(s) em Ciência da Informação e Biblioteconomia (UnB), buscamos no aprendizado coletivo (cursos de formação e embasamento técnico) a aproximação aos materiais encontrados e consultados por professores e estudantes envolvidos nesta pesquisa, como: documentos (registros oficiais e pessoais), entrevistas, cartas, dados quantitativos, estudos projetuais, mapas, plantas, relatórios etc. A sistematização destes materiais, após catalogados e organizados, passarão por processo de digitalização e divulgação em *site* a ser criado (Acervo Coimbra Bueno). Já as fontes bibliográficas encontradas serão processadas articuladamente, de modo a propiciar a compreensão das mudanças históricas como um processo.

168

APROXIMAÇÃO

O acesso ao acervo Coimbra Bueno não ocorreu por acaso. Em outubro de 2019, a mestranda Rubiana Cardoso Campos Lemos, devido à temática de pesquisa que desenvolve - “Coimbra Bueno e Cia. Ltda. e sua história a partir de duas cidades novas: Luiziânia (SP) e Rubiataba (GO)” -, entrou em contato com o filho de Abelardo Coimbra Bueno pela rede social *Facebook* e agendou um encontro presencial em sua residência, na cidade do Rio de Janeiro. Durante a entrevista com a viúva e seu filho, eles demonstraram interesse em doar todo material armazenado à Universidade de Brasília, caso contrário descartá-lo-iam sem qualquer hesitação.

Cientes da importância de tal conteúdo para a história do urbanismo brasileiro, acionamos a diretoria da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, que na pessoa do diretor, professor Marcos Thadeu Queiroz Magalhães, tomou as medidas cabíveis para o transporte da carga. O conteúdo, recluso em apartamento da família na cidade do Rio de Janeiro, estava acondicionado em cerca de 200 caixas de arquivo morto (caixas de papelão), livros, revistas e outros documentos, em razoável estado de conservação, mas sem uma organização previamente

definida (Figuras 4 e 5). Com peso estipulado em 2 toneladas, segundo a empresa de transporte VTCLOG, todo material foi encaixotado em 41 caixas de 1,00x0,50x0,60 metros de volume e conduzido para Brasília em julho de 2020.

Ao chegarem na FAU-UnB, as caixas foram depositadas em uma sala do Programa de Pós-Graduação (Figura 6). Em 31 de janeiro de 2022 recebemos da sra. Maria Marcina Pimentel Coimbra Bueno o “Termo de Doação de Acervo Pessoal” devidamente assinado.



169



Figuras 4 e 5. Armazenamento do acervo em apartamento da família Coimbra Bueno.
Figura 6. Caixas com acervo na FAU-UnB.
Fonte: Acervo Coimbra Bueno / FAU-UnB.

OPERACIONALIZAÇÃO DO ACERVO: OFICINA DE MANEJO DOS DOCUMENTOS

Em oficina virtual sobre manejo de documentos, ofertada pela bibliotecária Lívia Lins Cardoso Borges (Cediarte-FAU/UnB), em 2 de fevereiro de 2022, os participantes do projeto tiveram a oportunidade de aprender a como lidar com o material recebido. Em “Manuseio e Acondicionamento de documentos”, diretrizes para a correta manipulação dos documentos foram repassadas, entre outras: a manutenção das mãos limpas e uso de luvas em látex descartáveis; o uso correto de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), como avental, óculos de acrílico e máscara descartável, visando à preservação da saúde e à integridade do acervo; o não manuseio de líquidos no espaço do acervo; o não apoio de cotovelos sobre o acervo devido à fragilidade dos documentos históricos; o evitável empilhamento de caixas e sua superlotação; a proibição de anotações nos documentos, muito menos o uso de *post-it*; o afastamento do armazenamento dos documentos, livros e caixas a 7 cm das paredes para evitar umidade, bem como dar suporte por paletes para aqueles acondicionados diretamente sobre o chão; a não utilização de *flash* em fotos; e a separação do material que estiver em avançado grau de deterioração ou contaminado. Numa primeira etapa, de “Vistoria e Diagnóstico”, deve ser feita uma avaliação geral, com definição do ponto inicial para os procedimentos (p.ex. relevância de publicação).

170

Em seguida, na etapa de “Organização”, algumas medidas a serem tomadas foram nos repassadas, como: selecionar uma sala de triagem adequada para o processo de avaliação e registro, com ventilação adequada (arejamento) e iluminação (preferencialmente natural); estipular a organização pela divisão de coleções; ordenar por subgrupos e tipos de materiais, cronologia, dimensões, forma, peso e origem; trabalhar com uso de ferramentas como fichas e planilhas para melhor sistematização; colocar livros sempre na vertical (com uso de bibliocanto) em prateleiras; acondicionar documentos em grandes formatos (mapas, plantas, fotos etc.) em mapotecas, grandes envelopes ou pastas (pouco maiores do que o documento) - lembrando de nunca dobrar ou enrolar, abrindo sempre numa grande mesa. Sugeriu-se ainda evitar o uso de mobiliários em madeira, preferindo-se armários metálicos abertos, com prateleira a 15 cm do chão.

Também fomos informados sobre os “Quatro inimigos do papel”: 1) físico (luminosidade, umidade, temperatura), 2) químico, 3) biológico (microorganismos), e 4) ambiental (quem irá manusear). Sobre luminosidade, esta pode causar alteração nos documentos (amarelamento), dando-se preferência à iluminação indireta. Quanto à umidade e temperatura, recomenda-se utilizar aparelhos de desumidificador (40-70%) e ar-condicionado (temperatura entre 20 e 22 graus Celsius). Quando encontrada infestação de traças, baratas, cupins, brocas etc.,

Página seguinte: Figuras 7 e 8. Salas para armazenamento e manuseio do acervo.
Fonte: Acervo Coimbra Bueno / FAU-UnB.



esta deve ser combatida por profissionais especializados, utilizando-se produtos químicos. Caso os materiais estejam muito danificados e necessitem de restauro, este serviço deve ser feito por equipe especializada de bibliotecários e museólogos. Por fim, salientou-se as vantagens para digitalização do acervo, como: recuperar materiais em degradação (evitando-se manipulação recorrente), permitir acesso rápido a múltiplos interessados e facilitar a recuperação da informação.

Desse modo, a equipe responsável pelo acervo reservou, com aval do coordenador do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPG-FAU/UnB), professor Caio Frederico e Silva, duas salas para o acervo, uma para seu armazenamento (Figura 7) e outra para seu manuseio (Figura 8).



171

A EQUIPE E AS PRIMEIRAS DESCOBERTAS

A equipe do projeto é coordenada por dois professores pesquisadores do PPG-FAU/UnB (autores deste artigo), e conta com participação de catorze discentes de pós-graduação e graduação desta Instituição de Ensino Superior. São eles: Anie Caroline Afonso Figueira (doutoranda, bolsista técnica FAP-DF), Isadora Banducci Amizo (doutoranda, voluntária), Simone Buiate Brandão (doutoranda, voluntária), Clarissa de Melo e Lemos (mestranda, voluntária), Mariana Verlangeiro Vieira (mestranda, voluntária), Richardson Thomas da Silva Moraes (mestrando, bolsista técnico FAP-DF), Carolina Guida Teixeira (graduanda, voluntária), Clara Ismênia Lima dos Santos (graduanda, bolsista FAP-DF), Leonardo Nóbrega Queiroz de Paiva (graduando, bolsista CNPq), Letícia Rodrigues da Costa (graduanda, bolsista), Mariana Bastos e Silva Vaz (graduanda, bolsista CNPq), Mariana Verdolin dos Santos (graduanda, bolsista CNPq), Talita Rocha Reis (graduanda, voluntária), Vitor Ayub (graduando, bolsista FAP-DF). Os trabalhos vêm ocorrendo presencialmente desde abril de 2022, aos sábados pela manhã, com a participação constante dos integrantes da equipe.

Na primeira fase, de abertura das caixas, retirada e identificação do material, todos perfizeram os mesmos procedimentos. Com três temas preliminarmente definidos: 1) Goiânia, 2) Planos urbanos no Brasil, e 3) Brasília, os materiais foram separados nestas categorias e depositados na sala de armazenamento. Nessa triagem inicial, vale salientar que materiais não diretamente relacionados ao interesse da pesquisa (p.ex. canhotos de talões de cheque, contas pessoais de luz, IPTU, água, telefone, boletos adquiridos para pagamento de eletrodomésticos, folhinhos turísticos promocionais etc.) foram devidamente descartados. Com a abertura das caixas, os três temas previamente estipulados logo foram superados. A atuação da Coimbra Bueno e Cia. Ltda., em muito, superou as expectativas, ampliando o campo de abordagem. Só para documentos do escritório da Coimbra Bueno, uma enorme frente foi aberta, assim como para outras produções que não atreladas diretamente ao planejamento urbano, como atividades econômicas ligadas à agroindústria, à exploração de recursos minerais (petróleo), à produção de refrigerante.

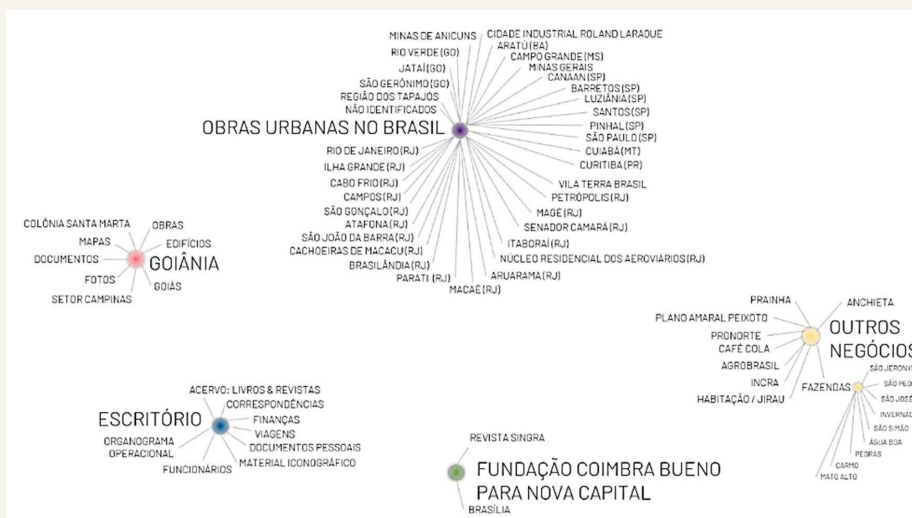
Após as 41 caixas abertas e a separação do material por temas (Figura 9), o processo encontra-se numa segunda fase de triagem, na qual os conteúdos são revisitados e agrupados por temas mais específicos, sendo armazenados em caixas de arquivo morto (caixas de papelão) (Figura 10). Conquanto nos encontremos no meio do processo, muito já foi olhado, muito já foi descoberto, o que nos permite compartilhar alguns achados e prospectar algumas promessas.

172



NEBULOSAS: ACHADOS E PROMESSAS

Como método organizacional dos temas identificados e delimitados, optamos pela construção de nebulosas (Pereira, 2018), as quais permitem uma melhor visualização do conjunto do acervo avaliado (Figura 11).



173



Página anterior: Figuras 9 e 10. Material retirado das caixas e, posteriormente, arquivados por temas. Fonte: Acervo Coimbra Bueno / FAU-UnB. Nesta página. Figura 11. Nebulosas do Acervo Coimbra Bueno. Fonte: Autores, 2022.

Certamente, as nebulosas herdam da ideia de rede. As nuvens que as compõem e mesmo as camadas de cada uma delas resultam, como se disse, de nexos e associações. Mas elas integram essa premissa que rege as interações sociais e culturais para desconstruir seu caráter mecânico, insistindo em observar essas interações de modo situado e exibindo, segundo o que se interpreta, descontinuidades, vazios, meros restos de vapores, condensações, ou o anúncio de turbulências. (Pereira, 2018, p. 252)

Além de documentação primária sobre Goiânia, identificamos a ação da incorporadora em inúmeras obras urbanizadas pelo país, o envolvimento com outros negócios - de atividades agropecuárias e industriais a participação no cenário político do país -, a amplitude administrativa do escritório e a conexão direta com a mudança da capital para a hinterlândia brasileira. Em diversos documentos e textos do acervo, pode-se perceber nos irmãos Coimbra Bueno a intenção de difundir uma visão de país moderno, coeso e com forte identidade sociocultural, evidentemente baseada em uma visão

elitista, estereotipada e bastante conservadora da cultura sertaneja, bem como em visão sociopolítica desenvolvimentista das prioridades nacionais. O discurso de uma “civilização sertaneja”, em vários momentos, permeia os documentos e as atividades empreendidas por ambos e ainda precisa ser mais apurado.

A seguir percorremos cada uma das nebulosas elaboradas, garantindo um conhecimento preliminar do conteúdo coletado e identificando e expondo alguns achados já descobertos. Salienta-se que ainda estamos na fase de triagem e qualquer possibilidade de associação, conexão, análise mais profunda e original ainda é prematura e arriscada de ser feita.

GOIÂNIA, UMA CAPITAL DE MUITAS IMAGENS

Goiânia apresenta-se como objeto à parte no acervo. Constituído de um conjunto de imagens (fotos, mapas, cartões postais etc.) sobre a construção da cidade e de seus edifícios, bem como os primeiros anos da capital goiana (Figura 12), foram igualmente encontrados material iconográfico de Campinas (antiga vila goiana), da proposta original do Centro Cívico e da praça da Matriz no Setor Sul, da Colônia Leprosária Santa Marta, do Setor Aeroporto, da Usina hidrelétrica etc.

174

Encontramos uma variedade enorme de fotos aéreas, mostrando os principais marcos urbanísticos da cidade e sua expansão por bairros residenciais. Fotos que também retratam os primeiros anos da capital, da construção das



edificações públicas e daquelas mais corriqueiras (p.ex. habitações) também conformam a coleção. Algumas imagens revelam o cotidiano da nova cidade, com a vivência dos moradores nos espaços modernos da época. Percebe-se também o interesse por trás das lentes em promover a nova capital, seu urbanismo e sua arquitetura, a fim de atrair público para nela se estabelecer.

Nesta nebulosa, os documentos encontrados foram categorizados em subgrupos: Goiás, Construção de Goiânia, Inauguração, Escritório e Personagens, A Cidade, As Edificações e Equipamentos. Por sua vez, cada categoria recebeu uma classificação por tipos de materiais: fotos, mapas, planos e documentos.

ESCRITÓRIO E REDES

Após diplomados em 1933, os irmãos iniciaram imediatamente suas carreiras com a empresa Coimbra Bueno & Penna Chaves Ltda. (Figura 13), junto com o colega Roberto Penna Chaves (1911-1975), neto do ex-presidente Afonso Penna, com foco na construção civil e no urbanismo. Mas a sociedade logo foi desfeita, por divergências de Roberto com a empreitada de Goiânia. Desse fato nasce a Coimbra Bueno e Cia. Ltda., na qual Jeronymo ficaria responsável por todas as obras, pela fiscalização das construções, pela padronização dos materiais e pela garantia de qualidade daquilo edificado; enquanto Abelardo ficaria responsável pela comunicação Goiânia-Rio-São Paulo para a compra de materiais e por serviços burocráticos (Godinho, 2015).

175

Página anterior: Figura 12. Fotografias e cartões postais de Goiânia.
Página seguinte: Figura 13. Sede do escritório Coimbra Bueno & Penna Chaves em Goiânia. Figuras 14 e 15. Escritório da Coimbra Bueno no Rio de Janeiro e foto de Alfred Agache (ao centro), com Abelardo Coimbra Bueno (terno claro). Fonte: Acervo Coimbra Bueno / FAU-UmB.

No Rio de Janeiro, a sede da empresa chegou a contar com 22 profissionais (Figura 14) e a participação ilustre de arquitetos estrangeiros como Alfred Agache (Figura 15) para o desenvolvimento de planos urbanos de cidades em diversos estados. Ademais foram identificados no acervo dados sobre a existência de outras empresas ligadas ao setor imobiliário como a Companhia Imobiliária Bangú e a Firma Anchieta Participações Ltda., cujo endereço era o mesmo da sede da Coimbra Bueno e Cia. Ltda. no Rio.

Além das redes profissionais estabelecidas por Jeronymo e Abelardo, é de conhecimento as relações político-sociais que ambos constituíram ao longo de suas carreiras. Jeronymo foi governador de Goiás (1947-1950) e senador pelo estado, enquanto Abelardo mantinha representação em importantes entidades da época, sendo membro do Rotary Club do Rio de Janeiro, do Touring e da Sociedade Brasileira de Amigos das Nações Unidas.

Nesta nebulosa, o material triado foi separado nos seguintes subgrupos: Pessoal, com documentos pessoais dos irmãos e familiares; Equipe de trabalho e Funcionários, contendo, dentre outros, as fichas funcionais de todos os trabalhadores que passaram pelas empresas dos Coimbra Bueno; Referências, com reportagens, livros, álbuns etc. que deram repertório aos irmãos; Documentos Gerais, com contratos, fotos, escrituras, registros etc.; e Ação Política e Moral, com materiais direcionados a questões acerca da “Civilização Sertaneja” e a interlocuções com políticos importantes, como Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek e Fernando Collor de Mello.

176



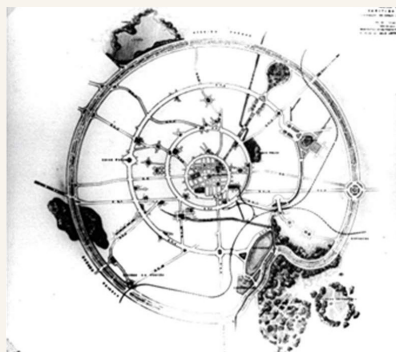
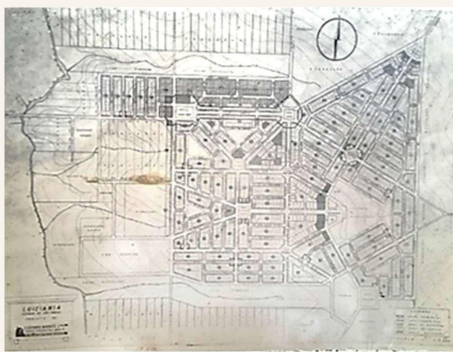
PLANEJAMENTO URBANO NO BRASIL: CIDADES NOVAS, BAIRROS E PLANOS

Se Goiânia foi o marco na história da Coimbra Bueno e Cia. Ltda., o acervo explorado abriu um leque de ações que muito nos impressionou. São planos e projetos, de urbanismo e de arquitetura, que perfazem trabalhos em distintas regiões do país. Vão de ações e reconhecimento das fronteiras norte do país, com atuação na região do Tapajós (PA), à construção de edifícios em cidades do interior de São Paulo, como Pinhal, Penápolis, Barretos e Santos, e em Campo Grande (MS) e Araxá (MG). Mesmo as capitais de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Belo Horizonte foram alvo de ações da incorporadora.

Dentre os planos urbanísticos elaborados e, muitos, executados pela Coimbra Bueno encontramos aqueles localizados em municípios do estado do Rio de Janeiro: Paraty, Cachoeiras de Macacu, Caxambu (Petrópolis), Senador Camará, São Gonçalo, Magé, Araruama, Itaboraí, Maricá, Cabo Frio, Atafona (São João da Barra), Campos dos Goytacazes, Macaé e Arraial do Cabo. Em Goiás, identificamos planos para as cidades de Rio Verde (terra natal da família Coimbra Bueno), Jataí, Anicuns, Caldas Novas e o plano urbanístico para a cidade nova de Rubiataba. Em Mato Grosso, o plano urbano para a capital Cuiabá e, em São Paulo, o plano urbanístico para a cidade nova de Luiziânia (Figura 16), somam-se ao projeto do Centro Industrial de Aratú, na Bahia.

Destacam-se pela presença de arquitetos e planejadores de renome os planos para Curitiba (PR), com a autoria de Alfred Agache (Figura 17), o Projeto da Área Metropolitana do Grande Rio, de Constantinos Apóstolos Doxiádis (1913-1975), e o *masterplan* da região costeira de Santos ao Rio de Janeiro, assinado por Georges Candilis.

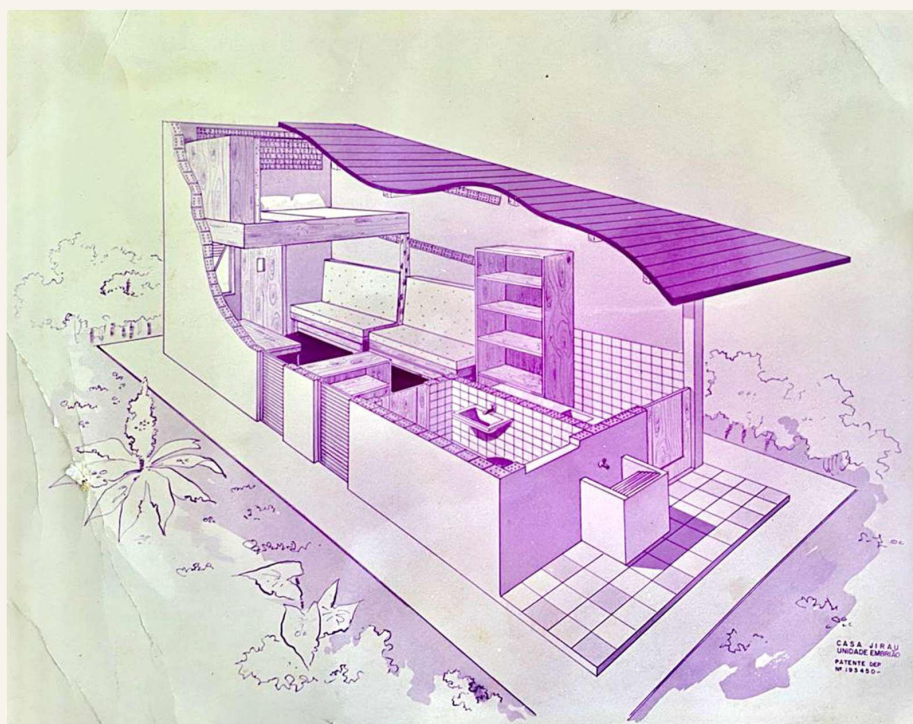
Nesta nebulosa, os subgrupos deram-se pelo nome das cidades encontradas, cada qual recebendo seu próprio arquivo. Informa-se ainda que um número razoável de imagens foi encontrado sem qualquer identificação e passarão por nova verificação - caso não sejam identificadas a cidade de origem, serão armazenadas juntas em arquivo separado.



Página anterior: Figura 16 e 17. Planos urbanos para Luizânia (SP) e Curitiba (PR). Nesta página Figura 18. Proposta de moradia popular: Casa Jirau. Fonte: Acervo Coimbra Bueno / FAU-UnB.

OUTROS CAMPOS DE ATUAÇÃO

Nota-se na produção dos irmãos Coimbra Bueno ações direcionadas ao setor de habitação de interesse social. Inúmeros projetos encontrados apontam para o envolvimento na produção de moradias populares na região metropolitana do Rio de Janeiro, com os conjuntos habitacionais de Vila Terra Brasil (autoria da Companhia Imobiliária Bangú, RJ); Núcleo Residencial dos Aeroviários; Conjuntos Residenciais Rio Amazonas, Rio Tapajós, Rio Negro e Rio Araguaia. Ainda neste campo, descobriu-se o protótipo para o embrião de uma casa popular, denominada Jirau, sem menção à autoria do projeto (Figura 18).



Para além dos campos urbanístico e arquitetônico, a Coimbra Bueno e Cia. Ltda. envolveu-se com outras atividades produtivas. Articulados com entidades e programas nacionais e estaduais de desenvolvimento agropecuário (p.ex. INCRA), os Coimbra Bueno eram detentores da posse de inúmeras propriedades rurais. No acervo foram identificadas as seguintes fazendas: Fazenda São José (Cachoeiras de Macacu, RJ), Fazendas Pinta e Campo Grande (Cachoeiras de Macacu, RJ), Fazenda Vargem Grande (Cachoeiras de Macacu

e Itaboraí, RJ), Fazenda do Carmo (Itaboraí, RJ), Fazenda Salto (Caçu, GO), Fazenda São Pedro (Caçu, GO), Fazenda Aguá Boa (Caçu, GO), Fazenda São Simão (Caçu, GO), Fazenda Retiro (Goiânia, GO), Fazenda das Pedras (GO), Fazenda São Bento (Imbassaí, BA) e Fazenda Invernada (não identificado). Para gerenciar estas propriedades rurais, a Coimbra Bueno tinha o domínio da AgroBrasil Empreendimento Rurais S.A. e Prainha Sociedade Agroindustrial S/A. O campo de atuação da Coimbra Bueno também se fez presente na indústria de polipropileno, tendo uma planta produtiva no Rio de Janeiro, e na indústria de refrigerante, com a produção da bebida Café-Cola.

Nesta nebulosa, os subgrupos identificados nortearam a divisão dos arquivos. As fazendas foram isoladas por caixas arquivo particulares. Adotou-se o mesmo procedimento para os demais temas, das indústrias às obras de moradias.

FUNDAÇÃO COIMBRA BUENO PELA NOVA CAPITAL DO BRASIL

O apoio explícito dos Coimbra Bueno à transferência da capital nacional para o Planalto Central teve início quando escreveram uma carta à Getúlio Vargas (1882-1954), Presidente da República, na qual se colocavam à disposição para consulta a respeito da nova Capital da República. Tal carta foi respondida por Getúlio em discurso realizado em Goiânia, em 1940, inaugurando a “Cruzada Rumo ao Oeste”. A fundação era financiada por toda a família Coimbra Bueno, onde as irmãs Elisa Coimbra Bueno Lynch e Lysia Coimbra Bueno Pereira eram responsáveis pela “Organização das Voluntárias”, uma das entidades não estatais de assistência social do Brasil naquele período (Departamento de Imprensa Nacional, 1961).

179

Em documento encontrado no acervo, está a justificativa da Câmara dos Deputados para o Decreto n.º. 49.873, de 11 de janeiro de 1961, o qual traz o reconhecimento por parte do Presidente Juscelino Kubitschek aos irmãos Coimbra Bueno na fundação de Brasília. Conforme exposto,

A luta pela Mudança se iniciou nos idos de 1939, com a fundação do jornal “Rumo ao Oeste”, que veio divulgar as imensas possibilidades do Brasil Central e a necessidade de ocupação do território legado pelos bandeirantes; ampliou-se com a instalação da “Rádio Brasil Central”, cujo poderoso equipamento em ondas curtas, médias e tropicais, indispensáveis à pregação mudancista em todo o território nacional, foi muito além do que comportava Goiânia; ao mesmo tempo penetrou por toda parte, por meio do “Jornal de Brasília”, que circulava como integrante do seminário “Singra”, distribuído por todos os Estados do Brasil com uma tiragem de várias centenas de milhares de exemplares. Mais recentemente, já vitoriosa a ideia da interiorização da capital, a cruzada não se deteve, e lançou, em manifesto, as bases do prosseguimento da obra, com a campanha da “Civilização Sertaneja”, destinada a completar os objetivos de Brasília, e integrada depois por proeminentes enti-

dades culturais do país ao ser constituída a “1ª Comissão de Estudos da Civilização Sertaneja”. [...] No Governo do Marechal Eurico Dutra [1946-1951], convocados para opinar sobre a mudança em caráter provisório para Belo Horizonte, Uberaba ou Goiânia, a ela se opuseram intransigentemente, não só por não terem sido planejadas com esse objetivo, como por outras convicções de ordem técnica. Entretanto, possuíam extensas áreas e propriedades em Goiânia e no Triângulo que lhes dariam uma fortuna incalculável, embora comprometendo a causa mudancista. Passaram a se dedicar como voluntários, sem qualquer remuneração, à organização da “Comissão de Estudos para a Localização da Nova Capital do Brasil”, a segunda que então se formava, pois a anterior havia sido constituída em 1892, sob a denominação de “Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil” (Brasil, 1961, p. 352).

Fato é que a trajetória profissional de ambos os irmãos está atrelada à história de Brasília, porém renegada pela historiografia especializada sobre a fundação da Nova Capital. Do desbravador artigo Arqueologia de uma cidade: *Brasília e suas cidades satélites* (1982), de Gustavo Lins Ribeiro, passando por *Senzala e casa grande* (1998), de Sylvia Ficher, ao recente *Além do Plano. A concepção das cidades-satélites de Brasília* (2018), de Maria Fernanda Derntl. Do livro *As cidades satélites de Brasília* (1988), de Adirson Vasconcelos, à ampla e consistente produção de Aldo Paviani (1985, 2005, 2010a e 2010b). Das leituras morfológicas em *Brasília: da Carta de Atenas à cidade de muros* (2003), dos professores Frederico de Holanda, Maria Elaine Kohlsdorf e Gunter Kohlsdorf, à prospecção cronológica em *Brasília, uma história de planejamento* (2003), de Geraldo Batista, Sylvia Ficher, Francisco Leitão e Dionísio França. Das coletâneas *Brasília 50+50: Cidade, história e projeto* (2014) e *Território e sociedade: as múltiplas faces da Brasília metropolitana* (2019), às teses *De Plano Piloto a metrópole: a mancha urbana de Brasília* (2009), de Jusselma Brito, e *As regiões administrativas do Distrito Federal de 1960 a 2011* (2011), de Graciete Costa. Nenhuma delas aborda ou ao menos menciona o envolvimento dos irmãos Coimbra Bueno na empreitada da nova capital.

Assim, ao trazer a memória e as produções dos Coimbra Bueno à baila, podemos escrever um novo capítulo sobre a transferência da capital. Ademais, este projeto poderá ampliar o escopo da produção urbanística no país, revelando projetos até então pouco (ou nunca) estudados, bem como compreender o perfil destes engenheiros no contexto profissional das décadas de 1930 a 1970, quando a Fundação Coimbra Bueno Pela Nova Capital do Brasil é encerrada.

Nesta nebulosa, ainda a ser explorada, já apontam alguns subgrupos para sistematização dos materiais, como: documentos oficiais, documentos referenciais (p. ex.: processo de mudança da capital da Argentina, no qual Abelardo foi consultor), *Jornal de Brasília “Singra”*, dentre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (OU INICIAIS?)

Evidentemente, o percurso narrado neste artigo não intenciona oferecer quaisquer conclusões fechadas ou finais dado o estágio inicial da pesquisa e do trabalho de organização do acervo, que ainda não terminou. No entanto, achamos pertinente partilhar os achados até o momento, bem como apontar algumas possibilidades de interpretação do rico material do acervo Coimbra Bueno, esperando receber contribuições e debater ideias com a comunidade acadêmica mais ampla.

Neste momento, as próximas etapas da organização do acervo incluem o escaneamento e a digitalização de imagens e documentos principais; elaboração de site; divulgação ao público e escrita de livro, que esperamos realizar nos próximos anos. Em relação aos temas, caminhos e tramas que o mergulho no acervo nos mostrou (ou apenas apontou), fica claro que as possibilidades são maiores do que aquelas pensadas inicialmente. Por se tratar de uma pesquisa em aberto, que procura pensar o lugar dessa empresa urbanizadora e de seus personagens no campo do urbanismo e da história urbana por meio de nebulosas, acreditamos que ainda há uma varredura mais minuciosa de novas tramas e narrativas por fazer e ampliar. Essas outras nebulosas podem configurar novas histórias; no encontro de novas peças, o quebra-cabeça pode ganhar novos formatos. ➤

NOTAS / REFERÊNCIAS

1 Este artigo foi originalmente publicado nos Anais do 17º Seminário da História da Cidade e do Urbanismo (SHCU), ocorrido em Belo Horizonte, em 2022.

/

BACELLAR, Carlos. Fontes históricas: Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Ed.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008. pp. 23-79.

BATISTA, Geraldo; FICHER, Sylvia; LEITÃO, Francisco; FRANÇA, Dionísio A. de. Brasília, uma história de planejamento. In: *Anais X Encontro Nacional da Anpur*. Belo Horizonte: Anpur, 2003.

BRASIL. *Transcrição da justificativa do Decreto n. 49.873, de 11 de janeiro de 1961*. Diário Oficial da União, Seção I, Parte I, de 12-1-1961, p. 352-3.

BRITO, Jusselma Duarte de. *De Plano Piloto a metrópole: a mancha urbana de Brasília*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília. Brasília, 2009.

COSTA, Graciete Guerra da. *As regiões administrativas do Distrito Federal de 1960 a 2011*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

CRUZ, Luciana Saboia Fonseca; DERNTL, Maria Fernanda. (Org.). *Bra-*

- sília 50+50: Cidade, história e projeto*. Brasília: EdUNB, 2014.
- DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL. *Fundação Coimbra Bueno pela Nova Capital do Brasil*. [s.l.: s.n.], 1961.
- DERNTL, Maria Fernanda. Além do Plano. A concepção das cidades-satélites de Brasília. *Arquitextos*. São Paulo, Vitruvius, Ano 19, n. 221.03, outubro, 2018. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/19.221/7150>. Acesso em: janeiro 2020.
- DINIZ, Anamaria. Goiânia de Attilio Corrêa Lima (1932-1935) - *Ideal estético e realidade política*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e urbanismo, Universidade de Brasília, 2007.
- FICHER, Sylvia. Senzala e casa grande. In: *Anais do V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*. Campinas: PUC-Campinas, 1998.
- GODINHO, Íuri Rincon. *A construção: Cimento, Ciúme e Caos nos primeiros anos de Goiânia*. Goiânia: Simplíssimo, 2015.
- GROAT, Linda N., WANG, David. *Architectural research methods*. New York: J. Wiley, 2002.
- HOLANDA, Frederico de; KOHLS-DORF, Maria Elaine.; KOHLSDORF, Gunter. Brasília: da Carta de Atenas à cidade de muros. In: *Anais V Seminário Nacional Docomomo Brasil*. São Carlos: EESC-USP, 2003.
- LEPETIT, Bernard. *Por uma nova história urbana*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- MANSO, Celina Fernandes Almeida. *Goiânia: uma concepção urbana, moderna e contemporânea - um certo olhar*. 1. ed. Goiânia: Prefeitura de Goiânia, 2001.
- PAVIANI, Aldo. (Org.). *Brasília, ideologia e realidade: o espaço urbano em questão*. São Paulo: Projeto, 1985.
- PAVIANI, Aldo; BARRETO, F. F. P.; FERREIRA, I. B. (Org.). *Brasília: dimensões da violência urbana*. Brasília: EdUNB, 2005.
- PAVIANI, Aldo. *Brasília, a metrópole em crise: ensaios sobre urbanização*. Brasília: EdUNB, 2010a.
- PAVIANI, Aldo. (Org.). *Brasília, 50 anos: da capital à metrópole*. Brasília: EdUNB, 2010b.
- PEREIRA, Margareth da Silva. Pensar por Nebulosas. In: JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth da Silva (Orgs.). *Nebulosas do pensamento urbanístico: tomo I - modos de pensar*. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 236-261.
- PINSKY, Carla Bassanezi (Ed.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *Urbanização e teoria*. São Paulo: Laboratório de Artes Gráficas da FAU-USP, s/d.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. *Arqueologia de uma cidade: Brasília e suas cidades*

satélites. Espaço e Debates. São Paulo, n. 5, março/junho 1982.

VASCONCELOS, Adirson. *As cidades satélites de Brasília*. Brasília: Editora do autor, 1988.

VASCONCELOS, Ana Maria Nogales et al. (Org.). *Território e sociedade: as múltiplas faces da Brasília metropolitana*. Brasília: EdUNB, 2019.

PARA CITAR:
PESCATORI, C.; TREVISAN, R. Coimbra Bueno e CIA, LTDA.: nebulosas de um acervo em construção. *Redobra*, n.17, ano 8, p. 163-183, 2023.